

FASES E FACES DO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO: 1870 – 1930

Joaquim Justino Moura dos Santos

Professor Adjunto II da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

e-mail: jjmsantos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O conteúdo deste artigo resulta de um processo de investigações históricas que têm tomado, com alguns intervalos no percurso, boa parte de minhas perspectivas e projetos de vida, pelo menos nas três últimas décadas, embora eu ainda seja um jovem! Sempre!!

É resultado da combinação de experiências e vivências próprias – que serão mais bem expostas, com imagens e dados, em minha comunicação oral neste evento – com o conhecimento já produzido por outros estudiosos e por mim (SANTOS, 1987 e 1997), sobre a história, a memória e as identidades das populações e dos lugares do subúrbio carioca. Conhecimento este ainda inicial. Disperso em seus objetos, períodos e lugares de estudo. Dispersão que tenho buscado reconstruir nos limites traçados por acervos, fontes e dados disponíveis, por vezes raras ou inacessíveis, mas que permitem a reconstituição do processo de confronto de interesses vários, que culminaram na formação do que chamo de subúrbio carioca propriamente dito. Isso quer dizer, da forma e do conteúdo que o caracterizaram econômica, social e culturalmente ao nascer e se consolidar como tal. Tudo isso num curto e acelerado espaço de tempo, situado, em meu entender, entre as três últimas décadas do século XIX e as três primeiras do século XX. Assim como, localizado originalmente em uma área determinada do município do Rio de Janeiro, a qual ocupava cerca de um terço da antiga freguesia de Inhaúma. Portanto, abarcamos aqui um conjunto de lugares de um espaço inicialmente rural e depois suburbano, como também de um tempo bem definido, que, a meu ver, lhes foi necessário para nascer, se formarem e se consolidarem como partes integrantes e vivas do subúrbio carioca, como nos têm demonstrado nossos estudos mais recentes.

No andamento da pesquisa, foi sendo verificado que a formação do subúrbio resultou de um sem número de fatores, desiguais entre si em diferentes sentidos, ordens, naturezas, tempos e espaços, mas como partes de um mesmo processo, que envolveu mudanças de grande significado para o país e para o Rio de Janeiro no período estudado. Entre elas, vimos destacar-se a transição da sociedade e das relações escravistas para as capitalistas no município do Rio de Janeiro, sem a qual entendemos que não teria ocorrido o nascimento do subúrbio, nem das favelas cariocas. Pelo menos naquela época, e com os papéis e formas que lhes foram atribuídas a princípio.

Ao trilhar esse caminho, nossa pesquisa defrontou-se com outro fator preponderante para aprofundar e explicar a formação do subúrbio. Trata-se dos papéis, das intenções e das ações das instituições públicas e privadas, por vezes associadas entre si, no desenrolar desse processo.

Mas, indo além dessas faces mais dramáticas do processo em questão, nos deparamos com outra ordem de fontes e dados, mais diversos ainda, ao lidarmos com aspectos do cotidiano, das identidades, das mentalidades, também bastante variados em suas particularidades. Vemos que estes foram forjadas no bojo de uma grande riqueza cultural, decorrente de uma nova série de combinações de hábitos, costumes, formas de comportamento, de relacionamento, de expressões culturais e de lazer. Esses e outros fatores, ao se fundirem entre si, no mesmo processo, em um verdadeiro movimento dialético, caracterizaram-se pela formação, ao mesmo tempo, de culturas tipicamente suburbanas. Consolidaram-se em formas de manifestações culturais entre seus antigos e novos e numerosos habitantes, presentes nas relações de vizinhança, nas práticas de cantar, tocar instrumentos, de se reunir para esse fim e para dançar, nas festas, nas brincadeiras de quintal e de rua, nos jogos, entre outras – como, por exemplo, a de colaborar na construção da laje da casa de um e de outro vizinho –, em geral portadoras de elevado espírito coletivo ou comunitário, de formas de solidariedade, e, por vezes, de conflitos entre os mesmos. Assim também como em formas de resistência contra a cultura de elite ou dominante e as ações do Estado e dos capitais privados, sobre suas vidas naquele contexto.

Desse modo, o encaminhamento da pesquisa, com novos dados, fontes e resultados trabalhados recentemente, nos tem levado a questionar antigas visões sobre o que teria mais concorrido para a formação do subúrbio carioca. Entre elas, encontramos, por exemplo, a idéia de que o mesmo tenha se dado principalmente em razão da entrada em circulação dos trens da Estrada de Ferro D. Pedro II, mais tarde Central do Brasil.

Percebe-se em leituras gerais, e, mesmo em leituras específicas que remetem a aspectos pontuais do processo que levou à formação do subúrbio, uma resposta também geral para o fato. Em alguns casos chega-se, por exemplo, a ver como se fossem sinônimos um do outro os termos subúrbio carioca e trens, o que é traduzido em expressões como: *o subúrbio da Central*, ou, *o subúrbio da Leopoldina*, muito presentes na linguagem e no senso comum carioca ainda hoje.

Com esse tipo de visão, encobre-se toda a diversidade de fatores e problemas que, em meu entender, mais colaboraram para o nascimento do subúrbio carioca. Com esses trens, atropela-se o conjunto de impulsos que deram verdadeiro sentido à sua formação, desviando-os para outros percursos, por outras linhas, nas quais acabam descarrilhando para fora da história, para cair em uma espécie de fantasia de programa de televisão levado ao ar no horário nobre de domingo.

Sob essa perspectiva, buscamos em nossa pesquisa identificar alguns dos fatores que, articulados entre si, mais influíram no processo que levou à formação do subúrbio carioca, além de caminhos e procedimentos aos quais tenho recorrido para esse fim, sobre o que falaremos a seguir.

Por uma História dos Lugares do Subúrbio Carioca e de Outros lugares

Buscar os impulsos maiores que levaram à formação do subúrbio carioca, articulando-os entre si, de modo a que nos seja possível apalpar não só o processo que nele desembocou, mas também as novas funções a ele atribuídas e caracterizadoras da vida dos habitantes locais naquela que vejo como a sua primeira fase como tal, tem sido o objeto central da presente pesquisa.

Indo mais além, já como um desdobramento desse estudo, nos é cara e produtiva a tentativa de identificar os pedaços de uma verdadeira colcha de retalhos, de todas as cores imagináveis e de tamanhos e formas as mais diversas, tendo em vista investigar os variados fatores que deram vida e sentido aos papéis desempenhados no dia a dia por aqueles, numerosos e também diversos moradores, entre si, que participaram ativamente dessa que entendo ter sido a primeira fase de sua história como subúrbio carioca propriamente dito.

Para isso, recorreremos ao exercício do que George Novack (1973) chamou de *lei do desenvolvimento desigual e combinado*, instrumento metodológico de que lanço mão

desde os primeiros passos em meus estudos sobre o tema, ao iniciarem os anos 1980, para aprofundar e construir análises a seu respeito. Segundo o autor:

La ley del desarrollo desigual y combinado és una ley científica de La más amplia aplicacion em el proceso histórico. Tiene um carácter dual o, mejor dicho, es una fusión de dos leyes intimamente relacionadas. Su primer aspecto se refiere a las distintas proporciones em el crecimiento de la vida social. El segundo, a la correlación concreta de estos factores desigualmente desarrollados em el proceso histórico. (NOVACK, 1973, pp.7-8).

Ao remeter-se à evolução desigual do capitalismo, o mesmo autor diz o seguinte:

Esto está ejemplificado com mayor énfasis em la evolución del capitalismo y sus partes componentes. El capitalismo es um sistema econômico mundial. Em los últimos cinco siglos se desarrolló de país a país, de continente a continente, y pasó a través de las sucesivas fases del capitalismo comercial, industrial, financiero y el capitalismo estatal monopolista. Cada país, aunque atrasado, há sido llevado a la estructura de las relaciones capitalistas y se há visto sujeto a sus leyes de funcionamiento. (NOVACK, 1973, p.36).

Com base nessa perspectiva metodológica, podemos relacionar aspectos particulares da vida dos lugares e habitantes do subúrbio em formação, desiguais entre si, com outros também desiguais no espaço e no tempo. Como por exemplo, podemos perceber os papéis desempenhados pelo escravo de um arrendatário ou de um senhor de engenho nos lugares de Inhaúma, na metade do século XIX, sejam eles voltados para a produção agro-exportadora de açúcar, sejam para a produção de alimentos e de outras mercadorias para o abastecimento do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ambos fazendo parte inseparável e ao mesmo tempo, de uma estrutura colonial ainda nos moldes escravistas, deixada pela metrópole portuguesa no Brasil após sua independência em relação a Portugal. Podemos também, além de outras combinações, buscar dados que relacionem formas de expressões culturais presentes no dia a dia desse mesmo escravo, com as suas origens étnicas em algum outro lugar, de onde veio ao ser caçado e escravizado na África. Entre outras possibilidades que nos esclareçam o que buscamos sobre o estudo de sua história e a do lugar em que viveu na antiga freguesia de Inhaúma, ou mesmo em suas origens no continente africano. O mesmo tipo de análise pode ser realizado em casos de trabalhadores que hoje moram no mesmo espaço

que o dito escravo teria ocupado na antiga freguesia, localizado em algum lugar do atual subúrbio carioca. Principalmente se considerarmos os efeitos que hoje recaem sobre o seu cotidiano, em razão do recrudescimento da influência do que se convencionou chamar de *globalização*. Bem como do poder exercido pelos meios de comunicação de massa, sobretudo o da televisão, que em geral o deslocam de seu chão, de suas raízes, transportando-o por esse meio, para realidades próprias de outros lugares e de condições sociais, de culturas e de vida em geral bastante diversas das suas. Situação que o leva, quando não esclarecido disso, à frustrações e insatisfações, já que a realidade de seu dia a dia não corresponde às expectativas que lhe são vendidas pela mídia, por frações de segundo as vezes, ao invadirem sua casa sem ao menos lhe pedir licença. Daí, a relevância, que vejo como cada vez maior na atualidade, de se conhecer e ensinar a história dos lugares do subúrbio carioca e de outros lugares, quaisquer que sejam eles, aos seus maiores interessados. Os seus habitantes, com suas raízes, que só ali ganham maior sentido e clareza, já que é ali e não em outro lugar, em outra época ou em outras condições, que estão fincadas.

Temos também recorrido, mais recentemente, a outros aportes metodológicos e teóricos, com o fim de aprofundar e amadurecer a pesquisa do tema em questão. Sobre isso, nos remetemos à obras como a de Walter Benjamin (1994), onde o autor nos fornece traços metodológicos pertinentes à nossos estudos. Isso nos fica evidente ao dizer, por exemplo, que:

O truque que rege esse mundo de coisas – é mais honesto falar em um truque que em método – consiste em trocar o olhar histórico sobre o passado por um olhar político. ‘Abri-vos, túmulos; mortos das pinacotecas, mortos adormecidos atrás de portas secretas, nos palácios, nos castelos e nos mosteiros, eis o porta-chaves feérico, que tendo às mãos um molho com chaves de todas as épocas, e sabendo manejar as fechaduras mais astuciosas, convida-vos a entrar no mundo de hoje, misturando-vos aos carregadores, aos mecânicos enobrecidos pelo dinheiro, em seus automóveis, belos como armaduras feudais, a instalar-vos nos grandes expressos internacionais, a confundir-vos com todas essas pessoas, essas coisas dos seus privilégios. Mas a civilização fará delas uma pronta justiça’. Tal o discurso que Apollinaire atribui a seu amigo Henri Hertz. Apollinaire foi o inventor dessa técnica. Ele a aplicou em sua novela *L’herésiarque* com um calculismo maquiavélico, para mandar pelos ares a religião católica, a que ele interiormente continuava ligado. (BENJAMIN, 1994, p.26).

Os procedimentos metodológicos e abordagem aqui explicitados por Benjamin, nos auxiliam em nossas reflexões e análises sobre o tema da pesquisa.

Com relação ao estudo sobre a cidade, em termos teórico-metodológicos, recorreremos ao que informa Henri Lefebvre (1972), ao afirmar que:

A cidade contém a população requerida pelo aparelho produtivo e o 'exército de reserva' que a burguesia exige a fim de fazer sentir o seu peso nos salários e também para dispor de um 'volante' de mão-de-obra. Mercado das mercadorias e do dinheiro (dos capitais), a cidade torna-se também mercado do trabalho (de mão-de-obra). Logo que o regime capitalista chamou a si a agricultura, a procura de trabalho foi diminuindo nesse sector à medida que nele se processava a acumulação do capital. 'Há sempre portanto uma parte da população dos campos que está em vias de se transformar em população urbana'. (LEFEBVRE, H. 1972, p.134).

Estas considerações do autor auxiliam em nossa análise sobre as transformações ocorridas na cidade do Rio de Janeiro entre as últimas décadas do século XVIII e as primeiras do século XIX, em particular daquelas que vemos terem mais impulsionado a formação do subúrbio ao seu redor. Isso por que, embora com as especificidades do caso e nas devidas proporções, o subúrbio caracterizou-se em sua fase inicial, como têm demonstrado os dados vistos a respeito, por uma área residencial predominantemente proletária e com a função principal de suprir o crescente mercado de trabalho livre, que nela se formava com a passagem das relações escravistas para as capitalistas. Processo que vemos ter se consolidado com esse caráter já no princípio da década de 1920 e, que, visto com essa perspectiva torna-se mais compreensível aos que pretendemos ter como leitores ou ouvintes, sempre que se apresentarem oportunidades para isso.

Mas, outro suporte teórico que a nós oferece o mesmo autor, em outra obra (LEFEBVRE, 1978), abre-nos horizontes no sentido de esclarecer alguns aspectos de um problema que vemos como essencial para explicar o nascimento do subúrbio carioca propriamente dito, ou com as características que vimos acima e no espaço da então freguesia de Inhaúma, como já foi mencionado antes. Trata-se da questão habitacional, ou, mais precisamente, da carência de habitações para os pobres e trabalhadores urbanos, em franca ascensão na cidade do Rio de Janeiro, no bojo do processo que levava à crise sem precedentes que era ocasionada pelo declínio e fim o trabalho

escravo no Brasil. Isso por que devemos considerar que, mal ou bem, os trabalhadores escravos não tinham como problema a falta de moradia, nem de roupa e alimentação, pelo menos no que se refere ao fato de terem que pagar por elas. Esse não era o caso de seus substitutos no mercado de trabalho, os trabalhadores assalariados, que haviam de custear esses fatores essenciais à sua sobrevivência com o que ganhavam em troca da venda, barata, de sua força de trabalho, nos moldes capitalistas que se impunham a eles no período. Luzes que auxiliam a compreender e explicar esse problema e que, remetendo-nos ao caso ocorrido no Rio de Janeiro da época, em suas devidas condições e proporções, nos são fornecidas pelo mesmo Lefebvre, ao tratar do caso de Paris, logo após as reformas urbanas ali empreendidas pelo “barão Haussmann”. Tratou-se então de uma busca de soluções pela Inteligência parisiense para os problemas causados pelo retorno dos trabalhadores àquela capital, em seguida à Comuna de Paris (1871), no terceiro quartel do século XIX. Segundo ele:

El objetivo estratégico sería alcanzado por una maniobra mucho más extensa y de resultados aún más importantes. En La segunda mitad del siglo, personas influyentes, es decir ricos, o poderosos, o ambos a un tiempo, ideólogos unas veces (Le Play) de condiciones muy marcadas por La religión (católica o protestante), hábiles hombres políticos otras (pertenecientes al centro-derecha) y que no constituyen por demás un grupo único y coherente, en resumen, algunos ‘notables’, descubren una noción nueva, cuyo éxito, es decir, su realización sobre el terreno, sería cuenta de la III República. Los notables conciben el habitat. Hasta entonces ‘habitar’ era participar en una vida social, en una comunidad, pueblo o ciudad. La vida urbana manifestaba esta cualidad entre otras, este atributo. Se prestaba a habitar, permitía a los ciudadanos habitar. De este modo, los mortales habitan mientras salvan la tierra, mientras esperan a los dioses... mientras conducen su propio ser en la preservación y el consumo...’. Así habla del hecho de habitar, poéticamente, el filósofo Heidegger (Essais et conférences, pp. 177-178). (...) A fines del siglo XIX, los Notables aíslan una función, La separan del conjunto estremadamente complejo que la ciudad era y continúa siendo, para proyectarla sobre el terreno, sin por ello restar relevancia a la sociedad, a la que facilitan una ideología, una práctica, significando-la de esta manera. Es cierto que los suburbios han sido creados bajo la presión de las circunstancias para responder al ciego empuje (aunque motivado y orientado) de la industrialización, Al advenimiento masivo del campesino canalizado hacia los centros urbanos por el ‘éxodo rural’. (...) Por descontado, todos esos notables no se proponían abrir una vía a la especulación. Algunos de ellos, hombres de buena voluntad, filántropos, humanistas, dan muestra incluso de desear lo contrario. Pero no por ello han

frenado La movilización de La riqueza imobiliária alrededor de La ciudad, El ingreso em el cambio, la restricción de suelo y alojamiento. ... entendian que implicar a los obreros (individuos y sus familias) em uma jerarquia mui diferenciada de la que reina em la empresa, la de propriedade y propietarios, casas y barrios, seria benéfico. ...De este modo, pretendían asignarles uma vida cotidiana mejor que la del trabalho. De este modo, imaginaron com el habitat el acces a la propiedad. Operación esta de extraordinário êxito, pese a que sus conseqüências políticas no siempre hayan sido las que presumieran los promotores. (LEFEBVRE, H, 1978, pp.32-33).

Assim, embora o autor trate de caso particular à cidade de París, é possível fazer-se contrapontos com o caso das reformas urbanas implementadas na cidade do Rio de Janeiro pela prefeitura Pereira Passos e pelo governo Rodrigues Alves no início do século XX. Sobretudo, quando sabemos que o mesmo prefeito esteve em París como estudante de engenharia, na época em que Haussmann executava a reforma da cidade, sendo um de seus discípulos.

Bem, nosso estudo específico sobre a formação do subúrbio carioca, articula-se assim a essas realidades históricas, vistas aqui njos limites deste artigo, a título de exemplos, bem como a inúmeras outras de igual importância, que serão melhor trabalhadas no decorrer de nossas pesquisas sobre o tema. Com esses e outros procedimentos metodológicos e essas bases teóricas, acreditamos poder entender e explicar, como pretendemos, os principais impulsos que a tornaram possível no período, nos lugares em que ocorreram e com as finalidades almejadas pelos poderes públicos e privados, ao buscarem adequar o espaço da cidade do Rio de Janeiro aos interesses do capitalismo, que, após o fim da sociedade escravista no Brasil, tornavam-se possíveis de serem concretizados.

Conclusão

Para concluir, entendemos que o estudo da história, da memória e das identidades dos lugares e dos habitantes que deram início à formação do subúrbio, nos remete a uma grande diversidade de acervos e de tipos de fontes. Sejam elas orais, sejam escritas, iconográficas ou estatísticas, entre outras, que vimos trabalhando nos últimos anos. Uma diversidade que nos auxiliará não só a compreender esse processo histórico, como a explicá-lo nos mais diferentes foros, sejam eles acadêmicos ou não,

sob os pontos de vista e os procedimentos inseridos e propostos em um método de ensino e pesquisa que venho amadurecendo nas três últimas décadas, ao qual dou o nome de História do Lugar (SANTOS, 2002). Mas que, sobretudo, permitirão que atendamos em futuro próximo a nossos objetivos, como o de produzir esse conhecimento e levá-lo aos que mais precisam dele, bem como aos mais interessados nos mesmo: os atuais moradores dos lugares que temos como objeto de análise em nossas pesquisas, ou melhor, aos que hoje moram no subúrbio carioca, que, sem esse conhecimento, distanciam-se cada vez mais de suas raízes e identidades culturais e sociais.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v.1).

LEFEBVRE, Henri. *El derecho a la ciudad*. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

_____. *O pensamento marxista e a cidade*. Povia do Varzim (Portugal): Ulineia, 1972.

NOVACK, George. *La ley del desarrollo desigual y combinado*. Arregui: Ediciones Pluma, 1973.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. História dos Lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. In: *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz, 2002. vol. 9(1), janeiro – abril, pp. 105-24.

_____. *De Freguesias Rurais a Subúrbio: Inhaúma e Irajá no Município do Rio de Janeiro*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo – USP, 1997.

_____. *Contribuição ao Estudo da História do Subúrbio Carioca: A Freguesia de Inhaúma- de 1743 a 1920*. Dissertação de Mestrado. IFCS-UFRJ, 1986.